

A busca da “palavra perdida” no Brasil: Uma leitura de *Das Jahr Lazertis* de Günter Eich¹

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

In *Das Jahr Lazertis* Günter Eich works with the concept of “lost word” on multiple levels with mythological, historical, geographical, psychological, sociologic and poetical implications. This article pretends to investigate the textual constructions of these semantic configurations.

Keywords: Günter Eich; *Das Jahr Lazertis*; semantic configurations.

O conceito de “palavra perdida” surge-nos, de quando em vez, em certas conversas ou em determinadas leituras, suscitando sempre um mistério que aguça a nossa curiosidade. Perguntamo-nos: que palavra é essa que se perdeu? Não sabemos. Uma coisa é certa: falar da “palavra perdida”, é admitir que não temos palavras suficientes para expressar tudo o que temos a exprimir. Isto significa que há algo no mundo exterior e/ou interior que não pode ser traduzido, por falta de palavras. O que será? Perguntamos. Vários estudiosos têm feito tentativas de desvendar esse grande mistério que não dispõe de palavras à altura para se expressar. Também vamos tentar fazer isso, mas apenas da perspectiva da literatura stricto sensu que, afinal, é a arte da palavra.

O conceito de “palavra perdida”, na literatura ocidental, deita raízes na Grécia antiga, especificamente, na *Teogonia* de Hesíodo, livro em que o poeta explica como o nosso mundo foi criado. Diz o autor que, no começo, só existiam os deuses. O homem não havia sido criado. Depois os deuses criaram os homens, mas estes não tinham entendimento. Então, os deuses deram-lhes um presente. Este presente foi o *mythós*, termo grego que significa palavra, ou seja, os deuses presentearam os homens com a capacidade da fala que, até então, era apenas prerrogativa divina, para que passassem a entender o mundo à sua volta, que era o mundo dos deuses. Diz Jaa Torrano em sua tradução da *Teogonia* o seguinte: "Durante milênios, anteriores à adoção e difusão da escrita, a poesia foi oral e foi o centro e o eixo da vida espiritual dos povos, da gente que, - reunida em torno do poeta numa cerimônia ao mesmo tempo religiosa, festiva e mágica, - o ouviam. Então, a palavra tinha o poder de tornar presentes os fatos passados e os fatos futuros (*Teogonia*, vv. 32 e 38), de restaurar e renovar a vida (*idem*, vv: 98-103)."² Isto significa que nós, seres humanos (cabendo um lugar de destaque aos poetas), só entendemos o mundo, na medida em que o conseguimos dizer, ou seja, na medida em que somos capazes de traduzi-lo em palavras. Tudo o que não conseguimos falar passa-nos um tanto despercebido. (Consideramos as outras artes também como forma de expressão, no entanto, a arte verbal/oral/escrita tem-se mostrado a mais eficaz no fenômeno da

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas. Av. Professor Luciano Gualberto, 403 Butantã 01060-970 - São Paulo, SP – Brasil Telephone: (11) 30914296 E-mail: celeste@usp.br

comunicação). Neste passo, gostaríamos de fazer duas reflexões: Pelo que lemos, palavra e entendimento são dois fenômenos quase que/ ou simultâneos. A palavra, junto com o entendimento que ela estimula, enforma e revela algo do mundo pertencente ao senso comum e do nosso próprio mundo íntimo. A palavra/entendimento, portanto, cria algo que, para nós, não existia antes dela. Se a palavra/entendimento cria algo, tudo o que dizemos é algum tipo de criação. Por exemplo, se dizemos “cadeira”, o objeto “cadeira” adquire de imediato, no mínimo, uma imagem composta de quatro tocos de madeira, chamados pernas, um encosto e um assento. Se usamos a palavra amor, criamos, portanto, um determinado sentimento, denominado amor. Se empregamos a palavra ódio, criamos, portanto o sentimento do ódio, e assim por diante. Deste modo, verificamos que o falar, ou seja, que o uso da palavra implica em grande responsabilidade, e podemos até entender, por que se diz que criamos as dificuldades e os momentos felizes ou infelizes que temos. Além disso, é importante dominar, pelo menos, a língua materna, porque isso significa que estamos dominando o mundo que nos circunda, de modo adequado. Quando não se fala corretamente, isto é, quando não se tem o domínio da língua vernácula, certamente o entendimento que se tem do entorno também é insatisfatório.

Voltemos, porém, à história da “palavra perdida”. Através dos gregos, quando estes estabeleceram colônias na Ásia Menor, tivemos acesso à cultura judaica. No livro central da literatura desta cultura - a Bíblia -, mais precisamente, no Pentateuco está escrito que, no princípio, era o Verbo, que no começo, criou Deus o céu e a terra, dizendo “Haja luz”. E houve luz. Depois, Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas, para separar umas das outras.” E assim se fez, etc. Desta maneira, Deus foi dando nome a todas as coisas que criava, e criava porque dava nome aos fenômenos e às coisas.

Em uma passagem do Evangelho de São Marcos, há também uma alusão a palavras poderosas que criam. Depois de ter pregado ao povo através de parábolas, nas margens do Mar da Galiléia, Jesus atravessa este mar rumo à margem oposta com seus discípulos. No meio da travessia, levanta-se uma tempestade que coloca todos em perigo. Jesus dorme na popa e é, então, acordado pelos amigos que lhe dizem: “Mestre, não te importas que estejamos perecendo?” Ele acorda, ameaça o vento e diz ao mar: “Silêncio! Acalma-te.” Cessa o vento e faz-se grande bonança. Como vemos, Jesus domina a “palavra perdida”. Esta passagem bíblica, obriga-nos a mais algumas reflexões. A “palavra perdida” não é uma simples palavra pronunciada do modo como nós fazemos, pois se tentássemos imitar Jesus e, numa situação de perigo, também ordenássemos ao mar que silenciasse e se acalmasse, certamente morreríamos afogados. Trata-se, então, de palavra ou palavras que, ao serem pronunciadas, precisam de algo mais do que ar, cordas vocais, boca, dentes, língua e palato. É esse algo mais que procuramos.

Na literatura romana, vamos encontrar Ovídio que escreveu um livro intitulado *Metamorfoses*, em que discorre sobre as quatro idades que a humanidade, desde sua criação pelos deuses, atravessara até a sua época. À primeira idade, chamou de ouro. Nesse tempo os homens conviviam com os deuses em grande harmonia e eram completamente felizes. No entanto, à medida em que os homens percebiam que podiam dizer o mundo e entendê-lo, passavam a acreditar que também eram deuses e foram-se afastando progressivamente do mundo divino e criando o seu próprio. Desta forma, surgiram as idades de prata, de bronze e de ferro. As palavras que traduziam e expressavam o mundo dos deuses foram sendo esquecidas por não

serem usadas, até que se perderam por completo. Na idade de ferro, os homens encontravam-se a uma distância máxima dos deuses e sentiam-se muito infelizes, ao se darem conta que não conseguiam mais retornar à felicidade antiga, pois não dominavam mais as palavras especiais que lhes davam acesso ao mundo sagrado.

Estas palavras esquecidas, pensamos, são as palavras perdidas, ou a “palavra perdida”, que davam ou dava conta do mundo dos deuses. Mas algo pior ainda viria a acontecer durante a idade de ferro: o distanciamento dos homens entre si, distanciamento este ilustrado pela narrativa da Torre de Babel, apresentada no Gênesis, onde Deus, para castigar o orgulho e a prepotência humana que queria erguer uma torre que chegasse ao céu, lhes confundiu a língua única que falavam, para que ninguém mais se entendesse, pois passaram a falar línguas diferenciadas. É bem verdade que Paul Zumthor³ consegue fazer deste texto uma interpretação esperançosa, vislumbrando aí o começo de um esforço gigantesco de reaproximação cultural que se estende até os nossos dias.

Ainda assim, as evidências fazem-nos acreditar que ainda estamos em plena idade de ferro, e isto significa que, se não conseguimos nos comunicar adequadamente entre nós mesmos, muito menos condições teremos de falar com os deuses, como se fazia na idade de ouro, isto é, não conseguiremos ser felizes, porque nos faltam as palavras adequadas, num e noutro caso.

O tema da “palavra perdida” também está presente nos *Contos das mil e uma noites*. Conta a lenda que houve um tempo em que o homem conhecia uma palavra mágica, a qual, uma vez pronunciada, tinha o poder de realizar fenômenos, tais como causar invisibilidade, obter um tapete mágico para o transporte a lugares distantes, conferir saúde, multiplicar forças, conhecer o oculto e o manifesto e obter tudo o que o coração desejasse. O ser humano, contudo, esqueceu-se da forma de pronunciar essa palavra, a partir do momento em que sua cobiça o fez afastar-se do bom uso do poder que tal palavra lhe concedia. Esta palavra mágica constitui uma alusão à “palavra perdida”.

Mas, há um outro fato a considerar: a perda da palavra mágica impõe-nos limitações que nos incomodam muito. Por isso, não descansamos e procuramos, por diversos caminhos, chegar à tal palavra, ou palavras, que se “perderam”. Não é verdade que, por exemplo, as crianças conhecem dos contos infantis os termos abracadabra e abre-te-sésamo? Embora pertençam ao plano do imaginário, ao plano ficcional, trata-se de termos que pretendem resgatar o poder da “palavra perdida”, aquela palavra que, uma vez pronunciada, cria qualquer coisa que desejemos. Já imaginaram o poder que o homem teria, se pudesse pronunciar a “palavra perdida”? A resposta imaginada para esta pergunta, conduz-nos a outra: será que o homem, hoje, tal qual o conhecemos, teria condições, equilíbrio mental e emocional para poder pronunciar a “palavra perdida”? Nem é preciso levantar provas ou tecer argumentos, para dizer que não. O homem, hoje, ainda não é senhor da razão, portanto, não pode, em princípio, possuir o poder de fazer realizar, através da articulação da palavra, tudo o que quiser, tudo o que desejar, embora o deseje ardentemente.

Não se trata, como vemos, de apenas procurar determinadas palavras, mas também de saber imprimir-lhes poder. Mas, como atribuir poder às palavras que já conhecemos, de forma a tornar a nossa fala poderosa, obediente, aos nossos desejos? Quando estudamos literatura, ou outras artes, detemo-nos e investigamos as estruturas diferenciadas dos textos literários (ou de outras obras de arte), que se articulam de modo diverso daquele a que estamos acostumados. Muitas vezes,

ficamos até chocados com isso e, sem entender o que temos pela frente, normalmente tomamos duas atitudes: ou abandonamos o livro (ou a obra de arte) e achamos aquilo sem sentido e sem valor, pelo simples fato de não os entendermos, ou somos teimosos e vamos atrás do mistério que barra o nosso entendimento imediato. Normalmente, atrás do obstáculo, há forte luz. (Não só o ritual da leitura deve ser considerado, mas também outros rituais: por exemplo, os místicos – também neles há a procura da “palavra perdida”. Alguém, hoje, se preocupa em desvendar o significado não só do que o padre ou pai-de-santo diz, mas do como eles dizem, ou seja, dos gestos que acompanham suas falas, durante os rituais que praticam? Aqui, há também o propósito de dar expressão à “palavra perdida”. (Não nos esqueçamos que as orações, que repetimos, ou a articulação de mantras também são tentativas para alcançar a “palavra perdida”).

O mito confirma que há pessoas que têm uma vaga lembrança dessas palavras perdidas e que essas pessoas, em relação às outras, estão um pouco mais perto dos deuses e de seu mundo. Essas pessoas são, na literatura, os poetas; na arte, os artistas; no plano místico os chamados iniciados. Tais pessoas usam determinadas técnicas e estratégias que precisam ser aprendidas, examinadas, estudadas, para se ter pelo menos uma idéia de como iniciar o caminho que leva à proximidade da “palavra perdida”.⁴

Posto isto a que, talvez, pudéssemos chamar de introdução panorâmica, gostaríamos, agora, de relativizar o tema da “palavra perdida” no exame da peça radiofônica alemã *Das Jahr Lazertis* (O ano lazertis = O ano dos lagartos)⁵ de Günter Eich. A história a que nos vamos referir foi contada numa Alemanha ainda sob o impacto da catástrofe que foi a Segunda Grande Guerra. Foi transmitida em 1958 à população através da rádio, assim como se fosse uma radionovela de um só capítulo. Portanto, trata-se de uma história dirigida ao grande público. Talvez fosse bom lembrar que, na época, a nova geração de escritores alemães tinha como objetivo “sanear”, “limpar” a língua alemã dos abusos e das manipulações que dela tinham feito os nazistas para fins políticos. Vou dar um exemplo, só para ilustrar o problema: a palavra “pátria”, associada aos conceitos de “solo” e de “sangue” fora empregada pelos nacional-socialistas de tal forma, que o seu significado original de “terra em que se nasce” e, portanto, se ama, fosse superposto ao conceito de “estado”, e ao regime político vigente, que era o nacional-socialismo. Assim, o cidadão comum passava a confundir “pátria”, “estado” e “regime político” como se fossem sinônimos, levando-o a substituir “amo a minha pátria, a Alemanha” por “amo o social-nacionalismo, a Alemanha”. A propaganda nazista usou e abusou destes truques lingüísticos, viciando a língua, para seduzir o povo com suas propostas políticas. Contra isto, levanta-se, então, a geração dos escritores jovens que impõe a si a tarefa de resgatar o poder original das palavras da língua alemã. Günther Eich o faz a seu modo.

A história, contada na peça por ele criada, começa em terras brasileiras, mais precisamente, num leprosário, onde se encontra a personagem principal, chamada Paul. Este leprosário está localizado em algum lugar no litoral de Pernambuco e é conhecido pelo nome de “La Certosa”. Este edifício fora, em outras épocas, um convento de monjas cartuxas italianas. Diante do prédio, há uma fila de palmeiras que, aos olhos de Paul, funcionam como uma grade que separa o convento/leprosário do “mundo e do tempo”. Enquanto convento, este espaço era utilizado para o isolamento e para a meditação; enquanto leprosário este espaço segrega e abriga

doentes terminais que, dali, só sairão para o cemitério local. A reflexão, o sofrimento e a morte são, portanto, marcas deste local.

Mas, como foi que Paul foi parar ali? Ele mesmo conta-nos sua história através de recordações. Tudo começou na Europa, onde Paul vivia, lá pelo ano de 1880 a que Paul chama de ano *lazertis*. Paul não tem mais muita certeza do ano. Imagina que já se devem ter passado uns vinte ou trinta anos, desde a noite em que tudo começou. Era uma noite de São Silvestre – passagem do ano. Paul, seguindo os costumes de sua terra natal na Alemanha, havia derramado chumbo derretido em uma travessa com água para adivinhar o futuro. O chumbo derretido, ao esfriar e solidificar-se, tomou a forma de uma determinada figura que Manuela, sua amiga, interpretara como sendo o arco de um portão. E a história, ficou por isso mesmo. Hoje, no leprosário, Paul relaciona esse arco de portão, mostrado pelo chumbo derretido, com a entrada do leprosário. Portanto, naquela noite de São Silvestre, o destino de Paul já aparecera na travessa com água, desenhado pelo chumbo derretido. Mas, naquela mesma noite aconteceram outras coisas. Depois de deitar-se e adormecer, Paul acorda de repente no meio de um sonho, acreditando ter ouvido, pronunciada pelos transeuntes bêbados que passam sob a janela entreaberta de seu quarto, a palavra especial, aquela “capaz de resolver todos os mistérios”. Apesar de ter certeza de ter ouvido “a palavra”, não consegue, no entanto, articulá-la, reproduzi-la. Acha que o seu som lembra a pronúncia do vocábulo “*lazertis*”.

A partir deste momento, toda a vida de Paul será determinada pela busca desta “palavra”. Tendo ouvido o pronunciamento da “palavra” e, querendo escutá-lo de novo, Paul levanta-se e põe-se a seguir os transeuntes, na esperança de alcançá-los, mas a neve havia apagado as suas pegadas. Ao perder a pista perseguida, vai dar a um muro, de onde se avista o porto. A penumbra existente na atmosfera nevoenta mal lhe permite reconhecer o lugar. Uma placa com nomes gravados em memória de alguns mortos chama-lhe a atenção: ali inscrito encontra-se o nome de seu irmão. “Por um momento pareceu-[lhe] consolador saber que também o nome de [seu] irmão constava na placa, que ele portanto, com certeza, pertencia ao grupo daqueles que conheciam a palavra e não precisavam procurá-la pela neve.”⁶

De repente, em vez de encontrar os transeuntes procurados, distingue um homem corcunda chamado Laparte, acorado em cima do muro. Travam conhecimento, e Paul convida-o a tomar chá em sua casa. Aí conversam o suficiente para que se fique sabendo que Paul pinta animais. Este fato leva Laparte a convidá-lo para participar de uma expedição de estudos que fará proximamente ao Brasil. Laparte ocupa-se com o estudo de lagartos. Paul poderia pintar-lhe todas as espécies encontradas, pois não seria possível manter em cativeiro todos os exemplares, nem levá-los para a Europa. Conversando com Laparte acerca da “palavra”, Paul afirma parecer-lhe “que bem no começo havia um “a”.⁷ Então, vejamos: Embora Paul não consiga identificar com exatidão a “palavra”, guarda na memória três características a ela pertinentes - a semelhança sonora com “*lazertis*”, o fato de se tratar de palavra conhecida pelos mortos, e a probabilidade de começar com um “a”. Interpretemos estas três características. A letra “a”, a primeira do alfabeto, simboliza a unicidade, a essência divina, o manancial, a razão de ser de todos os atos. Portanto, o “a” seria uma letra que, por si só, quando pronunciada corretamente, colocaria o homem em comunicação com o plano divino. Tratando-se, também, de uma palavra conhecida pelos mortos é, portanto, uma palavra capaz de exprimir um mundo além do nosso. “*Lazertis*”, por sua vez, faz lembrar a Laparte o vocábulo “*Lazerten*”, palavra alemã que remete para o vocábulo latino “*lacerti*” que designa lagartos - objetos de suas

pesquisas. Laparte desenvolve esta associação, pensando ainda na idéia evocada pelos lagartos que conduzem, no campo da adivinhação, à figura do deus Apolo, deus do sol e da luz. Realmente, o lagarto gosta do calor e se expõe frequentemente ao sol, sendo, assim, um animal solar, simbolizando a alma humana à procura da luz que, ao encontrá-la, se queda em êxtase contemplativo. Apolo é profeta e, como o Sol, vê tudo, inclusive o que está para suceder. Além disso, é também o deus dos navegantes e das expedições marítimas. Para convencer Paul a viajar com ele ao Brasil, Laparte ainda lhe diz que a imagem desenhada pelo chumbo derretido não é o arco de um portão, mas sim um navio - navio que os levará a Pernambuco, encandeando, deste modo, o destino de Paul e a procura da “palavra” a terras brasileiras. Por outro lado, tanto o vocábulo “lazertis” - o eco difuso da “palavra”, quanto o nome Laparte, apresentam o mesmo prefixo “la”, o que junta as coisas. Além disso, Laparte apresenta uma corcunda nas costas e pergunta a Paul, se não gostaria de passar a mão nela, pois segundo a crença popular, isso trar-lhe-ia sorte e felicidade. O nome “Laparte” também se pode associar a “la parte”, ou seja, “a parte”, isto é, o conhecimento apenas parcial. Resumindo, a associação entre “lazertis, Lazerten, Laparte” remete ao plano dos presságios, das superstições, das adivinhações, que nos dão conhecimento, mas apenas em parte, não o conhecimento total.

Paul resolve aceitar o convite de Laparte e acompanha a expedição científica ao Brasil. Chegado à cidade de Recife, Laparte e Paul hospedam-se na casa do Dr. Bayard, um especialista em cobras. Paul também fala com Bayard sobre a “palavra” que procura. Então, Bayard associa o vocábulo “lazertis” a “Laerte”, pai de Ulisses (menção à *Odisséia* de Homero), porque como Laerte, também ele Bayard aguarda o regresso do filho. O filho de Bayard é então identificado com Ulisses que sai de Ítaca para fazer a guerra e para a vivência de diversas aventuras que lhe aumentam o conhecimento. Também Paul sai da Europa, atravessa o Atlântico e desembarca no Brasil à procura da “palavra”.

Durante uma expedição ao Amazonas para estudar lagartos, Laparte traz a notícia da existência de um branco doente, abandonado junto aos índios. De todos os integrantes da expedição, Paul é o único que se dispõe a levar medicamentos a este enfermo e a ajudá-lo. Ao chegar lá, verifica que o branco doente chama-se Richards. Este Richards, no entanto, pensa ser Lázaro. Lázaro é uma palavra próxima de “lazertis”. Talvez seja uma pista correta. Lázaro é um nome que surge no Novo Testamento em dois Evangelhos e em dois relatos diferentes. No Evangelho de São Lucas, Lázaro é um mendigo leproso que vive à porta de um homem rico, e se alimenta de suas migalhas, sendo por ele desprezado. Certo dia, este Lázaro morre e é recompensado com a felicidade no céu. Assim, a figura bíblica sobrepõe-se à de Richards, apontando para este uma vida também feliz no Além. No texto do Evangelho de João há uma passagem, referente a um outro Lázaro, irmão de Marta e de Maria, ressuscitado por Jesus que simplesmente diz: “Levanta-te Lázaro”, e Lázaro acorda de seu sono mortal e volta à vida, evidenciando-se, aqui, portanto, a força da palavra do Mestre. Ao se associarem as palavras “lazertis” e “Lázaro” nestes dois sentidos, fatos da vida terrena e da vida de além-túmulo são ressaltados. Lázaro é, assim, uma figura que nos mostra a vida terrena e a vida transcendental. De um lado, aponta para uma recompensa, de outro, para o poder criativo da palavra, insinuando que haja algo compensador ao término de uma vida sofrida e que o uso da palavra pode criar vida. A conversa entre Richards/Lázaro e Paul é, para este,

uma revelação e motivo de reflexão sobre o sentido da caridade e do amor ao próximo, assim como também sobre o significado da morte.

Porém, a lista de associações não pára por aqui. Paul fica ao lado de Richards até a sua morte que ocorre no espaço de duas semanas. Na manhã seguinte, Paul descobre manchas no próprio corpo. Desconfiado da possibilidade de ter também contraído lepra, procura o Dr. Bayard, para dele obter um diagnóstico preciso. No momento da consulta, o Dr. Bayard revela a Paul que não mais associa a palavra “lazertis” a “Laerte”, pai de Ulisses, mas sim a “Laerte”, irmão de Ofélia, pois sua irmã também morreria louca. Ora, Ofélia e Laerte são personagens de Hamlet, peça de Shakespeare, cuja personagem principal é conhecida pelo dilema “ser ou não ser: eis a questão”, que resume toda a angústia de Paul frente ao sentido da vida e da morte. Tendo contraído lepra, Paul é levado ao leprosário que se chama, como vimos, no começo, “La Certosa” que pode significar “a certeza” e que também evoca a palavra “lazertis”. O leprosário é o último elo da rede fonético-semântica estabelecida em volta de “lazertis” e funciona como ponto final das viagens e sondagens de Paul. Trata-se de um local, onde ele conhece outros doentes e, em especial, uma mulata, chamada Manuela que, pelo nome, lhe recorda uma outra Manuela, amiga que deixara na Europa, e que fizera a primeira interpretação da figura desenhada pelo chumbo na água, na noite de São Silvestre, como o arco de um portão. Só agora, Paul entende a predição feita, ao constatar a semelhança existente entre o desenho do chumbo e o formato do portão do leprosário, acreditando que, depois das viagens pelo Brasil, chegara ao seu objetivo, onde finalmente encontraria a “palavra”. No leprosário vem a saber, através da mulata, que o Dr. Bayard fora internado em um manicômio, como doente mental, e essa revelação é suficiente para colocar em dúvida o diagnóstico de seu contágio. Convinco de que, na verdade, não sofre de lepra, prepara-se para abandonar o hospital. Chega a acreditar ter sido conduzido até lá por uma palavra falsa, a palavra “la certitude”, ou seja, “a certeza” do diagnóstico realizado por um médico louco. Paul crê, por isso, dever continuar procurando a “palavra certa”. Perante a idéia da saída do leprosário e do regresso à Europa, que para ele significa a volta à liberdade perdida, seu espírito fraternal, a reflexão e a dúvida, cultivados e exercitados durante toda a sua procura, intervêm na sua decisão. Afinal, como ele confessa, “com certeza todos [os leprosos] poderiam morrer sem ele, mas ele não poderia viver sem eles.”⁸ A compaixão e o amor ao próximo significam vida, a sua vida e, por isso, determinam a sua escolha de ficar no leprosário, apesar de não estar doente. Paul vê-se, assim, defrontado com o sentido de sua existência. Esta revelação traz-lhe serenidade, plenitude, felicidade, características que marcavam a vida do homem, quando em contato com os deuses. A “palavra” procurada por Paul mostra-se não como “palavra”, mas como uma vivência e, por isso, ela é impronunciável. Apesar de todo texto e de seu arranjo peculiar, ainda assim, as palavras não são suficientes para traduzir em todos os detalhes a íntima, profunda e singular vivência de Paul, a que só o próprio indivíduo tem acesso. Não chegamos à poderosa “palavra perdida”, no entanto, é-nos mostrado que o amor ao próximo é um ingrediente constitutivo de uma etapa do caminho que a ela conduz.

Pelo que vimos, a busca da “palavra perdida”, a palavra que ao ser pronunciada cria a realidade que pronuncia, pressupõe a exploração de várias pistas, que desembocam na aquisição de diversos conhecimentos e na experimentação de várias vivências. A busca da “palavra perdida” leva Paul, nesta história, a um estágio, ilustrado pelo seu encontro com o sentido da vida e da morte que, por sua vez, lhe

traz o conhecimento do amor fraternal, que o auto-realiza enquanto homem/personagem. A história acaba aqui.

No entanto, a busca da “palavra perdida” pode e deve continuar. Esta história permite-nos deduzir que a busca será caracterizada pela perseguição de várias outras pistas, que levarão a muitos outros conhecimentos, a muitas outras vivências e a um aprendizado sempre maior e maior. Desconhecemos qual a quantidade exata de aprendizado, pois isso também depende do caminho percorrido por cada indivíduo. Não nos esqueçamos, no entanto, que ultrapassar o que não nos é familiar constitui exigência desta procura. A abertura para o diálogo com outras culturas é um pré-requisito, por exemplo. Talvez quando tivermos acumulado tantos conhecimentos e vivências que preencham todos os requisitos exigidos para sermos “pequenos deuses”, como Jesus certa vez declarou, só para ficarmos na cultura judaico-cristã, consigamos, finalmente, como ele, pronunciar a “palavra perdida”. Ou ainda, caso seja possível, um dia, dar a todos oportunidade de pronunciar suas palavras, possamos, de repente, depararmo-nos com a “palavra perdida”, a utopia da conversa plena de Gadamer e de Habermas!

De qualquer modo, a “palavra perdida”, para nós estudiosos da literatura, está relacionada com a experiência estética, o intervalo semântico em que se dá a dissolução do sujeito e do objeto, intervalo este que se tentará traduzir, posteriormente, mas sempre dentro das limitações do código e que, portanto, continuará sempre como intervalo, onde a palavra se perde.

Notas

¹ Este texto foi originalmente, mas com modificações, publicado na Revista *Projekt-Appa* nº 5, 1989, p.9-19.

² *Hesíodo – Teogonia. A origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo, Massao Ohno, 1981, p. 19.

³ Pordeus Jr., Ismael. Babel ou a metáfora do esquecimento. In: Ferreira, Jerusa Pires (org.) *Oralidade em tempo & espaço*. Colóquio Paul Zumthor. São Paulo, Educ, 1999, p.159-171.

⁴ Sobre este assunto leia-se também: Eco, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, Edusc, 2001.

⁵ Eich, Günter. *Das Jahr Lazertis*. Gesammelte Werke. Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1973, vol. II, p. 673-716.

⁶ Id. *ibid.*, p. 676.

⁷ Id. *ibid.*, p. 678.

⁸ Id. *ibid.*, p. 711.